

Para homenagear o centenário do historiador Fernand Braudel, o mais ilustre mentor de nossa *Revista de História*, reeditamos cinco artigos curtos de sua autoria: *Cartografia do Mundo Atual*, *Anatole France e a História*, *Henri Pirenne*, *Conceito de País Novo e Cátedra de História da Civilização: o Ensino de História e suas Diretrizes*. São textos produzidos e publicados em São Paulo (três pelo jornal *O Estado de São Paulo* e dois pela *Faculdade de Filosofia* da USP), entre 1935 e 1937, quando Braudel aqui residiu com a incumbência de criar, junto com outros historiadores franceses, o Departamento de História da USP. Para retirar esses escritos do esquecimento, lembrar a atuação de Braudel entre nós e seu papel formador sobre a primeira geração de historiadores ligados à USP, abrimos a presente edição com o artigo, inédito, *Fernand Braudel e a Primeira Geração de Historiadores Universitários da USP (1935-1956): Notas para Estudo*, do historiador Paulo Henrique Martinez.

Embora Braudel não gostasse da Revolução Francesa, a qual, como costumava dizer, pertencia à ordem do *événementielle* e não da *longue durée*, conceito, este último, tão associado ao seu nome, ele, certamente, como bom historiador e bom *citoyen* que era, não desgostaria de se ver em companhia, nesta homenagem, da tradução de dois textos de Benjamin Constant e de três artigos, inéditos, de historiadores brasileiros, todos os quais têm a Revolução Francesa como objeto ou desdobramento.

Das Reações Políticas e Dos Efeitos Do Terror, os dois escritos de Benjamin Constant, dão seqüência à *Da Força do Governo Atual da França* e *Da Necessidade de Apoiá-lo*, que a *Revista de História* traduziu e publicou no número anterior (145 2º Semestre de 2001), e com o qual formam uma unidade. *Jacques-René Hébert (o jornalista do Père Duchesne)* e *o processo da Revolução*, de Josemar Machado de Oliveira, e *O Ninho da Águia, Napoleão e sua política de lugares: Paris como centro do mundo*, de Raquel Stoiani, são estudos de história política, o primeiro da perspectiva da história social, e o segundo da história cultural. Por fim, *Edgar Quinet e a filosofia da Revolução Francesa*, de Arlenice Almeida da Silva, é um estudo, como o próprio título revela, de historiografia, da perspectiva da filosofia da história.